

29 de abril de 2002

Discussão do livro *Introduction à la Lecture de Hegel* de A. Kojève.

A apresentação do texto ficou a cargo do doutorando João José R. L. de Almeida. Antes que o texto começasse a ser exposto, seguiu-se uma discussão sobre qual a possibilidade de uma síntese entre Marx e Heidegger na qual parece acreditar Kojève. Essa hipótese, que nos parece difícil de ser aventada, ganha algum sentido quando se pensa, segundo a opinião de João José, que Kojève fez uma bricolagem aceitável para os seus contemporâneos. Embora Kojève possa ter realizado tal proeza isto não quer dizer que a empreitada seja factível.

Em *Introduction à la Lecture de Hegel* o homem é definido pela insatisfação e pela negatividade do desejo. O que se encontra presente é a dialética do reconhecimento do desejo que tem por base a ontologia da negatividade negadora. Isto melhor se explicita na dialética do senhor e do escravo (essa parece ser a mesma analogia que Lacan usa para fazer a distinção entre o *moi* e o *je* em 1949). Essa dialética evidencia que entre duas consciências haverá luta, pois entre elas reinará sempre a diferença, qual seja: o eu humano deseja sempre algo que outro eu humano pode desejar. Deseja-se o desejo do outro. Desse modo, na sociedade ter-se-ia um conjunto de desejos se desejando mutuamente. Não é o objeto que é a fonte última de interesse do desejo. O interesse está no desejo de reconhecimento de valor que alguém pode ter em relação ao outro.

Hegel, segundo Kojève, quer ressaltar o valor do homem pelo trabalho, pelo reconhecimento de sua ação. O escravo, por causa da angústia de morte, pode reconhecer o seu senhor, pois ele pode oferecer para o senhor a satisfação do gozo ao produzir algo para tal satisfação.

O que se encerra nesse tipo de relação dialética é a luta pelo puro prestígio. Essa é uma luta de morte, em que, contudo, ninguém deve morrer, pois se falta um dos lados, seja o senhor ou o escravo, não é possível constituir dois desiguais.

Aquele que é vencido – o escravo – não é mais autônomo. O senhor torna-se consciência para si que tem o reconhecimento do vencido. O senhor só tem esse *status* por causa do seu desejo de reconhecimento por parte de um outro – o escravo. Assim, o escravo tem como ideal ascender à posição de senhor. Isto significa dizer, forçosamente, que a servidão é fonte de progresso humano, social e histórico.

O que se depreende desta apresentação é não só a ontologia dualista, mas também o “estilo bricolagem” de Kojève é repetido por Lacan. Isto parece oferecer um sentido positivo (o mesmo, talvez, não possa ser dito em relação à leitura dos textos de Hegel) na construção de sua teoria psicanalítica, embora possa causar incongruências internas. Verifica-se com essa leitura o uso instrumental da filosofia realizado por Lacan para fundamentar a sua psicanálise. Observa-se, também, que ele substitui a metafísica empirista da psicanálise freudiana por uma metafísica mista (ontologia dualista). Trata-se da postulação de uma divisão entre a identidade (o ser como sempre igual a si mesmo) e a diferença (o nada como aquilo que não é). A ontologia da identidade é própria de todas as coisas menos o homem, determinado pelo seu desejo e insatisfação como nunca igual a si mesmo.

Para o próximo encontro ficou decidido a leitura do *Seminário XVII* de Jacques Lacan, capítulos 5 e 6, a fim de observar mais algumas das influências filosóficas da psicanálise lacaniana.